

C O E
CAVEIRA ONDE ESTIVER

**BRUNO BORGES
GUILHERME POSSANI
MARIANA CAVALCANTE**

COE - CAVEIRA ONDE ESTIVER

Produção: Bruno Borges Batista, Guilherme Peres Possani e Mariana Cavalcante.

Diagramação: Bruno Borges Batista e Guilherme Peres Possani

Capa: André Liberato e Guilherme Possani

Imagens: Patrícia Bruni e Augusto Cassaniga

Impressão: Comavi

Prof(a) Planejamento de TCC: Cláudia Nonato e Juliana Doretto

Prof(a) Orientador: Marcos Nunes Barros

Reitor: Prof. Manuel Nabais da Furriela

Gerente da Escola de Educação, Comunicação, Artes, Design e

Moda: Prof. Dr. Vicente Darde

Cordenador do curso de Jornalismo: Prof. Dr. Vicente Darde

Trabalho de Conclusão de Curso

Jornalismo

2018

Borges; Possani; Cavalcante, Bruno; Guilherme; Mariana
B732943377dCOE - Caveira Onde Estiver / Bruno; Guilherme; Mariana
Borges; Possani; Cavalcante; orientador Marcos Nunes
Barros; co-orientadora Mayara Luma Assmar Correia Maia
Lobato. -- São Paulo, 2018.
84 p.: il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel - Jornalismo) --
FIAM-FAAM Centro Universitário, 2018.

1. Comandos e Operações Especiais.
 2. Polícia Militar.
 3. Choque.
 4. Segurança Pública.
- I. Nunes Barros, Marcos,
orient. II. Luma Assmar Correia Maia Lobato, Mayara,
co-orient. III. Título.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus, nossas famílias, aos professores que nos auxiliaram no decorrer destes oito semestres de curso e especialmente ao professor Marcos Nunes Barros, nosso orientador. Obrigado ao jornalista André Jalonetsky e a fotógrafa Patrícia Bruni, que compartilharam um pouco de suas vastas experiências e nos ajudaram de forma direta na conclusão do trabalho.

Queremos agradecer à toda Policia Militar do Estado de São Paulo e especialmente ao Comandos e Operações Especiais por tornar esse livro possível, nos dando total apoio e abrindo as portas de sua sede sempre que necessário.

Agradecemos também o apoio e gentileza daqueles que contribuíram conosco e tão bem nos recebaram: Ao capitão da reserva Carlos Augusto Cassaniga, ao comandante da unidade Major Gentil Epaminondas de Carvalho Júnior, assim como todos os outros policiais que dispuseram de seu tempo para nos auxiliar, TKS cabo PM Victor, cabo PM Rodrigues, soldado PM Aguera, cabo PM Silva, capitão PM Zocchio, tenente PM Zanetti e todo o efetivo do COE.

Caveira !

Prefácio

Frequentemente o noticiário internacional mostra ações espetaculares de combate ao crime organizado, executadas por forças de elite, como a SWAT americana, a GSC-9 alemã, a RAID francesa, a Sayeret Matkal israelense ou a Alpha Group russa.

Ao ver estes Policias do primeiro mundo, salvando vidas e neutralizando criminosos e terroristas, sentimos uma sensação de alívio e confiança, já que a justiça foi aplicada de forma profissional e eficiente. O que poucos brasileiros sabem é que a Policia Militar do Estado de São Paulo possui um grupo de elite tão eficiente, treinado e equipado como qualquer uma dessas forças de segurança interacionais: o Comandos e Operações Especiais.

O COE é composto por uma restrita irmandade de Operadores conhecidos como “Caveiras”, em função de terem conquistado o privilégio de usar no seu uniforme o cobiçado emblema mundial das unidades de Comando: um crânio perfurado por um punhal. Enganam-se os que interpretam isso como um culto à violência.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o crânio humano foi o símbolo da infame e cruel tropa nazista SS. Quando os Comandos britânicos invadiam e tomavam uma base alemã da SS, geralmente encontravam um crânio humano real na sala do comandante, usado como um troféu de terror e de poder absoluto sobre a vida. Os ingleses imediatamente cravavam seu punhal de combate para simbolizar a vitória da justiça, da lei e dos valores humanos contra o crime e a selvageria. Desde

então, a maioria das unidades de Comandos de todo mundo, usam o crânio perfurado por um punhal como seu emblema.

Os Caveiras do COE paulista atuam em crises de segurança pública, cuja complexidade e periculosidade exigem treinamentos, equipamentos e procedimentos diferenciados. Esses Policiais Militares são habilitados a operar por terra, ar e mar, em ambientes urbanos e rurais, desenvolvendo suas missões de dia e de noite, em qualquer tipo de clima e terreno, tanto em situações que exigem respostas rápidas, como em operações planejadas.

Uma das características mais marcantes do COE é atuar com extrema discrição e sigilo. Em função disso, e da camuflagem digital para selva do seus uniformes, esses homens são verdadeiros fantasmas verdes. E é exatamente este fato que me leva a ressaltar o mérito deste livro: trazer ao conhecimento da população uma parte do incrível trabalho de segurança pública desenvolvido por esta tropa.

Esta obra mostra que não precisamos buscar heróis em outros países, nos temos os nossos aqui no Brasil. Os Caveiras arriscam suas vidas diariamente, executando missões complexas de combate ao crime organizado, aplicando duros golpes na sua logística e dificultando muito a operação dos terroristas urbanos.

Tenho o privilégio de conhecer vários Operadores do COE, e de acompanhar de perto a forma legalista e apaixonada com que eles desenvolvem suas missões. Esses Policiais Militares são motivo de orgulho, merecem nosso respeito e reconhecimento. Em qualquer lugar do mundo os Caveiras seriam tratados como heróis, no nosso país isso não pode ser diferente.

Selva!

André Jalonetsky



Foto por: Patricia Bruni

Sumário

Introdução.....	9
Capítulo um: Os Primeiros Caveiras.....	25
Capítulo dois: Incêndio no Edifício Andraus.....	31
Capítulo três: Electra II: o avião sequestrado por um marinheiro.....	35
Capítulo quatro: A busca por Itiro Mutai.....	43
Capítulo cinco: O desastre do Edifício Joelma	49
Capítulo seis: Modernização e adequação às demandas atuais.....	57
Capítulo sete: O COE e a sociedade.....	63
Capítulo oito: Comando atual.....	69
Encerramento.....	77

INTRODUÇÃO

Dia 1 de fevereiro de 1974, episódio triste e ainda muito presente nas lembranças da população paulista, que vivenciou os trágicos momentos do incêndio no Edifício Joelma. O saldo de 191 mortos e 300 feridos, só não fora maior graças à perícia e destemor dos homens do COE.

– COE?

– Sim, COE!

– Mas o correto é COE ou GOE?

– COE significa Comandos e Operações Especiais, divisão de elite da Polícia Militar do Estado de São Paulo, pertence ao 4º Batalhão de Polícia de Choque, e dentre suas atribuições, estão o policiamento ostensivo, manutenção da ordem pública, resgates em grandes tragédias e patrulhamento em local de alto risco. Diferentemente do GOE (Grupo de Operações Especiais), que se trata de uma divisão da Polícia Civil do Estado de São Paulo, responsável por atender as funções de polícia judiciária.

Frequentes discussões como a relatada acima, talvez tenham sido o estopim para que contássemos a história deste honroso batalhão, que, além de historicamente falando, ter um peso enorme graças as suas participações nos principais eventos relacionados à população paulista, é constantemente aprimorado para atender exigências extremas no que diz respeito à segurança pública estadual.

Na ocasião relatada, o batalhão já conhecido por atuar em situações de risco extremo, dessa vez seria acionado não por conta de um terrorista, responsável pelo sequestro de uma aeronave, tampouco por ações de guerrilha ou assaltos à bancos, mas sim por um inimigo inusitado e ainda mais letal, o ar-con-

dicionado do edifício de 25 andares localizado no número 225 da Av. Nove de Julho, região central da capital paulista.

“Já havia salvo diversas pessoas, muitas vítimas caiam do terraço devido ao tumulto causado para livrarem-se das chamas, que subiam pelas laterais e invadiam a parte superior externa do edifício. Mas infelizmente, não pude salvar uma jovem que se escondeu sob as telhas. Quando segurei-a em meus braços, a garota vomitou um líquido quente e implorou pela sua vida, mas já era tarde demais.”

Histórias como a relatada pelo atual capitão da reserva, Augusto Cassaniga, são eventos corriqueiros no dia a dia de um “caveira” (nomenclatura que entenderemos o significado mais tarde), o policial pertencente ao COE.



Foto de acervo próprio: Augusto Cassaniga

O Comandos e Operações Especiais conta atualmente com um efetivo de 185 homens, todos policiais militares, que, voluntariamente se candidataram ao COEsp, o Curso de Operações Especiais da PM paulista. Atualmente o curso (que é o básico exigido para o ingresso na corporação) conta com 45 dias ininterruptos de instrução, onde o policial é submetido a situações extremas, a fim de colocar a prova sua capacidade física e psíquica.

Para falarmos do Comandos e Operações Especiais, devemos entender em qual contexto esta tropa está inserida na Polícia Militar. Assim como todas as outras unidades especializadas (com exceção das equipes de BAEPs, Força Tática e ROCAM, que ficam atreladas aos batalhões de área, tal qual como o GRPAe, que apoia todas as demais), o COE pertence ao Comando de Policiamento de Choque.

Atualmente os caveiras fazem parte do 4º Batalhão de Polícia de Choque, chamado de Operações Especiais, mas primeiro vamos entender cada um deles:

1º Batalhão de Polícia de Choque Tobias de Aguiar (ROTA)

Um dos mais tradicionais e possivelmente o mais conhecido batalhão especializado da PM, teve seu início no mesmo período de surgimento do COE, precisamente em 15 de outubro de 1970, com a missão de combater guerrilhas urbanas e prevenção à crimes de terrorismo, assaltos à bancos ou qualquer outro delito de natureza especial.

Conta, atualmente, com um efetivo de aproximadamente

900 homens e 120 viaturas, divididos em 4 companhias, sendo a 1^a Cia de ROTA noturna, a 2^a Cia de ROTA matutina e as 3^a e 4^a Cias de ROTA vespertina, o que faz do Tobias de Aguiar o maior batalhão de polícia militar do Brasil.

A sede da ROTA está localizada no coração de São Paulo, mais precisamente no número 440 da avenida Tiradentes. Além de todas as atividades descritas acima, desde sua fundação, a ROTA pode também atuar em controle de distúrbios civis, fazendo jus ao nome Choque.

2º Batalhão de Polícia de Choque (Anchieta)

Situado na rua Jorge Miranda, 367, o batalhão Anchieta conta com um efetivo aproximado de 800 homens. Em 15 de dezembro de 1975 recebeu o nome que carrega até hoje, mas o batalhão é conhecido pelo envio de 78 policiais para apoiar a Força Expedicionária Brasileira na Segunda Guerra Mundial.

Suas principais atribuições, além do policiamento preventivo por meio de patrulhamento, estão as participações em grandes eventos, praças desportivas e formação das equipes de ROCAM. Em São Paulo todos os jogos de futebol são policiais pelo batalhão Anchieta.

3º Batalhão de Polícia de Choque (Humaitá)

O Batalhão Humaitá já foi uma das sedes do COE. Sim, durante um período o COE fez parte do 3º BPChq. Hoje, a unidade que tem por finalidade atuar como último recurso em distúrbios civis, divide espaço com o GATE, na rua Amambaí,

09, no bairro da Vila Guilherme.

Hoje o Canil da PMESP, que tem como sede uma parte da área da invernada do Polícia Militar na zona norte de São Paulo, também faz parte do batalhão Humaitá, anteriormente pertenceu ao 4º BPChq.

4º Batalhão de Polícia de Choque (Operações Especiais)

A mais nova das cinco unidades do policiamento de choque, foi criada após o desmembramento do 3º BPChq em 27 de novembro de 2008. Hoje é sede das duas unidades especiais da PMESP, o COE e o GATE, contudo, sua sede permanece junto ao do Batalhão Humaitá.

O Batalhão de Operações Especiais é o último recurso da PMESP, acionado em situações extremas, onde exige equipes anti-bombas, anti-terrorismo, resgate de reféns, perseguições à criminosos de alta periculosidade, resgates complexos e patrulhamento em locais de alto risco. É a unidade mais difícil de se fazer parte, para integrar o Grupo de Ações Táticas Especiais, o policial deverá concluir o ATEsp (Curso de Ações Táticas Especiais) ou no caso do Comandos e Operações Especiais, deverá concluir o COEsp (Curso de Operações Especiais), com durações de 30 e 45 dias, respectivamente.

Regimento de Polícia Montada 9 de Julho (Cavalaria)

A mais tradicional unidade do policiamento de choque, o Regimento de Polícia Montada 9 de Julho, ou RPMon, teve seu início junto da própria PM, fazendo parte dos 130 de 31.

Seu nome carrega parte significativa da história de São Paulo, fazendo menção à Revolução Constitucionalista de 9 de julho de 1932. Possui sede também na rua Jorge Miranda, fazendo fundos com o Batalhão Tobias de Aguiar, conta com 4 esquadrões e um efetivo de 350 homens. Suas principais atribuições são eventos desportivos, controles de distúrbios civis e reintegração de posse.



Foto: Arquivo pessoal. Brasão de Operações Especiais

O nome Comandos não está estampado à toa ao redor do escudo de caveira que os policiais ostentam na manga esquerda de suas fardas, isso deve-se ao tipo de situações em que essa tropa deve intervir, portanto, Comandos não é simplesmente um nome, mas sim uma honraria.

Comandos é a designação de uma tropa de elite pertencente às forças armadas (somente o Exército, Marinha e Força Aérea podem atribuir tal título a alguma unidade), sendo treinada

com a finalidade de atuar nas chamadas operações especiais, de risco elevado e natureza incomum. Seu emprego é feito de maneira surpresa e rápida (Comandos são conhecidos mundialmente por suas atuações furtivas), sob circunstâncias de caos e ambientes irregulares, que variam desde matas fechadas à instalações tubulares (por exemplo trens e aviões), resgates que requerem emprego de franco-atiradores, mergulhadores, alpinistas e paraquedistas, ações contraguerilha e contraterrorismo. As tropas de comandos ficam encarregadas de suprir todos os tipos de exigências que as forças de segurança convencionais não podem exercer.

Mas afinal, de onde surgiram as tropas de Comandos?

O conceito Comandos inicialmente surgiu como uma resposta à opressão nazista, onde a Gestapo, polícia secreta do Estado Nacional Socialista, em suas incursões nos países do continente africano, expunham o crânio de seus inimigos como troféus, remetendo à morte destes e fazendo alusão ao símbolo que carregavam em seus quepes, a Totenkopf.

A tropa conhecida até os dias de hoje como SAS (Special Air Service), divisão especial do exército britânico, tinha como função a retomada das áreas dominadas pelos alemães nessas regiões, contudo, apesar da forma de atuação da SAS já conter as características que empregam o título de Comandos, naquele época ainda não haviam denominado esta unidade como tal. Durante suas missões, como forma de protesto, os militares cravavam uma faca sobre os crânios expostos nas mesas dos oficiais alemães, representando assim, a vitória sobre a morte, e tornando-se o principal símbolo das tropas de Comandos e Operações Especiais de todo o mundo até os dias de hoje.

O símbolo do COE contém esta caveira com a faca cravada, juntamente de um paraquedas e das duas garruchas. As garruchas representam as Polícias Militares do Brasil, sendo o símbolo padrão de todas as unidades em território nacional, o paraquedas representa todos os policiais que possuíam o curso PQD do Exército Brasileiro, a formação de paraquedista, que era um requisito necessário para o ingresso na tropa.

Entendi! Mas então por que a farda do COE é tão diferente da Polícia Militar e tão parecida com a do Exército Brasileiro?

Ok! Isso se deve graças ao forte relacionamento entre a PM (sendo esta uma força auxiliar) e as Forças Armadas. Outro motivo se deve também ao terreno onde a maioria das missões do COE são designadas, a tropa foi criada com a finalidade de combater guerrilhas rurais, logo, seu fardamento deveria ser adequado ao tipo de situações que a tropa fosse designada a operar. Contudo, este nem sempre foi o uniforme padrão do COE, no início, seu fardamento era o mesmo da PM paulista, diferenciando-se apenas pelos capacetes de ferro.

Hoje, com o aumento da demanda nas operações, avanço da tecnologia e infelizmente, com o poderio bélico dos marginais, a farda do COE recebeu atualizações. Com ela, o policial pode carregar equipamentos de uso pessoal, tais como ferramentas para fazer fogo em locais ermos, cantis, munição extra, cordas, mosquetões, e demais itens de sobrevivência, sem esquecer da faca, a Viúva Negra, que falaremos em breve.

Legal! Mas como faz para integrar o COE?

Não é tão simples...

Primeiro o candidato que deseja fazer parte do Comandos e Operações Especiais, precisa ser policial militar, devendo ter

passado em concurso público para exercer tal função. Após um ano de formação na ESSD (Escola Superior de Soldados) para os praças, ou três anos de formação na APMBB (Academia de Polícia Militar do Barro Branco) para os oficiais, o policial tendo conduta ilibada durante seu estágio probatório, e contando com a autorização de seu comando, pode se candidatar voluntariamente ao concurso interno chamado COEsp (Curso de Operações Especiais), este ministrado pelo COE.



Um dos dias no COEsp. Foto por: Patricia Bruni

Contudo, o PM deverá alcançar as exigências mínimas no TAF (teste de aptidão física) para iniciar o curso de 45 dias ininterruptos de isolamento total, onde aprenderá todas as

funções básicas que um operador do COE deva saber. Sim, todas aquelas que fazem parte de uma unidade de Comandos.

Mas, não é simplesmente ser aprovado no TAF que o policial ostentará o tão restrito brevê de caveira, é necessário suportar toda a pressão física e psicológica que o curso exige ao longo de sua duração, variando do frio extremo, ao calor escaldante, passando noites em claro e longas horas com pouca alimentação. Tudo para simular as situações que podem esperar os policiais do COE. Vale lembrar que quando um caveira é formado, ele recebe um número pelo qual é conhecido. Por exemplo, o Caveira 01 sempre será o Caveira 01, não existirão em hipótese alguma outras caveiras com o mesmo número de formatura no COE.

O COEsp, foi idealizado por um curso que o Exército Brasileiro ministra o CIGS (Centro de instrução de guerra na selva), conhecido mundialmente como o melhor curso de guerra na selva que uma força terrestre pode aplicar. Muitas unidades de polícia e também de várias forças armadas espalhadas pelo mundo, procuram o CIGS para aperfeiçoamento de técnicas e combates que envolvam um terreno de mata fechada.

Alguns policiais do COE fazem o curso do CIGS como extensão de conhecimento. O curso tem duração de 10 semanas ininterruptas e é aplicado na selva amazônica. Assim como um caveira, o guerreiro de selva também é agraciado com uma faca ao término do curso, item obrigatório para que este profissional participe das solenidades que envolvam a unidade.

Voltando ao COEsp, podemos analisar a dificuldade do curso quando a inscrição inicial possui cerca de 200 alunos, apenas 12 deles se formam em média. A forma de desistir do

curso é um ritual inusitado, onde todos os candidatos ficam em forma e quem optar por desistir é obrigado a tocar um sino 3 vezes, mostrando a todos que a opção por desistir foi individualmente do aluno e não dos seus instrutores. Com isso o candidato retorna a sua unidade de origem e podendo realizar novamente o COEsp numa futura oportunidade.



Pati Bruni © NAVI Militar | COESP 1/17 PMB

Momento do retorno dos caveiras após 45 dias de curso. Foto por:
Patricia Bruni

Um policial que termina este curso chega a perder em 20 quilos durante as etapas das instruções. O limite do ser humano é levado ao extremo e a pressão psicológica que o curso aplica é para preparar o policial para as missões, que quase na maioria das vezes irá exigir essas duas características do policial.

Além das exigências extremas que curso requer de seus alunos, a concorrência por vagas é tão restrita quanto o número de Caveiras formados ao final deste. Além dos PMs de São Paulo, diversas outras forças civis e militares do Brasil e do mundo inteiro, também enviam homens para adquirir conhecimento no curso. O curso é ministrado uma vez ao ano e requer a aprovação no Teste de Aptidão Física (TAF) por parte dos candidatos, lembrando que este teste é totalmente diferente do TAF convencional da Polícia Militar.

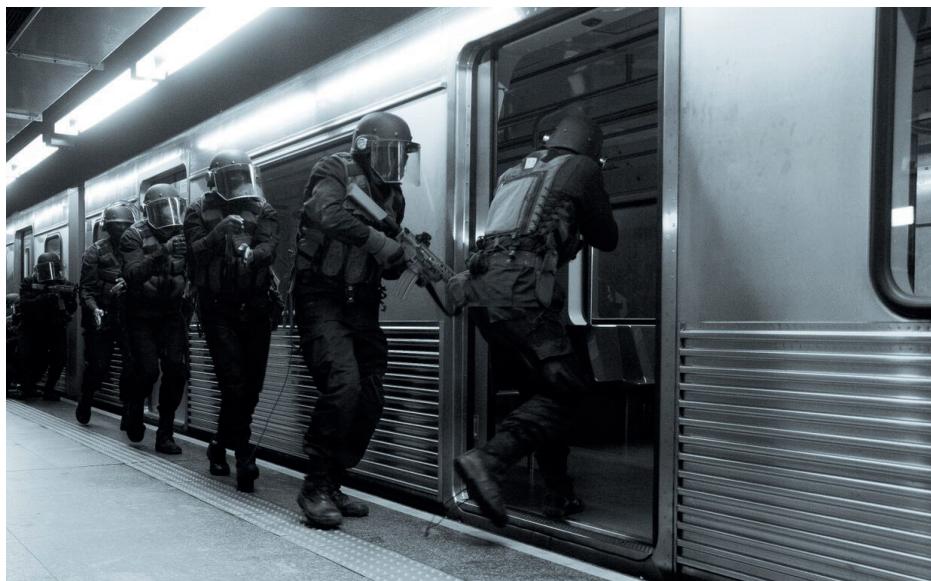
É curioso ressaltar que muitas polícias brasileiras, mas não só no âmbito de segurança pública, buscam inspirações em organizações existentes fora de nosso país, é o caso do GATE, que inspirou-se nos conceitos de táticas especiais, vistos em grande escala nas divisões de SWAT contudo, o COE foi fundado com a proposta exclusiva de suprir às necessidades paulistas vistas à época, portanto, apesar de hoje ser uma tropa de Comandos, o COE é uma polícia totalmente brasileira.

– Certo, pesquisei aqui e vi que o COE não usa a tradicional farda cinza bandeirante, Por quê?

Assim como as demais divisões pertencentes ao policiamento de choque da PMESP, o COE também possui sua própria identidade, utilizando o padrão atual digicamo, porém, na cor verde oliva (muitas vezes até confundido com o padrão de camuflagem do Exército Brasileiro) adaptado ao cenário mais

rotineiro que os policiais adentram em suas patrulhas, a selva.

A relação entre o COE e as matas paulistas está enraizada em sua história, graças à forte influência sofrida pelo já mencionado CIGS, o curso ministrado pelo Exército. Aliás, falando em história, vamos contar como tudo começou...



Treinamento de invasão tática em estruturas tubulares (metrô).

Foto por: Patricia Bruni

CAPÍTULO UM

Os primeiros caveiras

A data era 13 de março de 1970, o cenário no Estado de São Paulo era caótico. Durante o período do regime militar, diversas ações de guerrilhas, dentre elas ataques à bases militares e assaltos à bancos, ocorriam para arrecadar fundos às forças que se opunham à atual forma de governo.

Dois oficiais do então DPM (Delegacia da Polícia Militar), atual Corregedoria, resolveram formar um pelotão que se opusesse a esta antiga forma de manifestação. Eram os Tenentes Augusto e Getúlio, que pediram autorização de implementação da tropa ao então comandante da companhia que estes faziam parte, o Capitão Raimundo Mota Libório. A solicitação foi levada ao então comandante geral da Força Pública, um Coronel do Exército, chamado Danton de Paulo Avelino, que prontamente autorizou com uma condição, todos os militares que fossem operar nesta tropa, deveriam possuir o curso de paraquedista.

Foi feito um levantamento, e à época 107 policiais militares possuíam tal curso, o comando geral convocou todos estes militares para uma reunião no quartel general, destes 107, os que optaram por voltar as suas unidades de origem foram reapresentados, e os demais, em torno de 70 homens, foram submetidos a diversos testes, psicológicos, físicos e de saúde. Apenas 33 foram aprovados surgindo assim o então POE (Pelotão de Operações Especiais). Curiosamente, dos 33 voluntários aptos a fazer parte da tropa, 30 possuíam o curso da Brigada Paraquedista, do Exército Brasileiro, os outros 3 homens eram formados por clubes privados.

Após a junção da tropa, os 33 militares foram treinados e instruídos por oficiais especialistas em guerrilhas rurais. Treinando durante 6 meses o pelotão encontra-



Os primeiros caveiras. Foto de acervo próprio: Augusto Cassaniga

O pelotão foi locado, inicialmente, em um antigo prédio pertencente ao Estado de São Paulo, que um clube comunitário, chamado Associação dos Moradores da Santa Inês havia tomado posse para atividades recreativas, na zona norte da capital paulista. Contudo, o prédio não possuía as condições mínimas para que um pelotão ali se estabelecesse, podemos dizer que esta foi a primeira missão do POE, reformar sua base e organizá-la conforme suas demandas.

Um dos componentes do POE, o então Sargento Augusto Cassaniga, foi convocado pelo Exército a ir para a Selva Amazônica realizar um de seus mais difíceis cursos, o Centro de Instrução de Guerra na Selva. Após o término do curso, o Sargento retornou à sua unidade com as instru-

ções e “know how” necessários para que a tropa exercesse com maestria todas as suas atribuições em áreas de mata.



Albuns e facão do CIGS. Foto de acervo próprio: Augusto Cassaniga

Seis meses se passaram e o Pelotão de Reserva da Guarda Civil, foi alocado na mesma unidade em que o POE se encontrava, o que ocasionou um problema logístico devido à falta de espaço para as duas tropas. É aí que a história do pelotão se confunde com a das Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar (ROTA), onde dividiram por 5 anos o 1º Batalhão de Polícia de Choque, comandado pelo Capitão Milton Silva Cassolari.

Logo com a chegada do COE ao batalhão Tobias de Aguiar, a tropa foi designada a operar em uma missão no Vale do Ribeira, onde o principal objetivo da missão era o bloqueio de algumas estradas na região. Podemos afirmar que esta foi a primeira missão do COE sob o comando do primeiro batalhão de polícia de choque. Nesta mesma época houve um capítulo inusitado na história da unidade. O COE participou de um filme chamado Até o último mercenário (direção de Penna Filho e Ary Fernandes), lançado em 2 de setembro de 1971.

Dois anos após sua fundação, o COE teve a sua primeira prova de fogo, literalmente.

CAPITULO DOIS

Incêndio no Edifício Andraus

No dia 24 de fevereiro de 1972, por volta das 16h00, o centro de operações da Polícia Militar repassou uma ocorrência envolvendo um edifício no centro da cidade, mais especificamente na Avenida São João, iniciava-se ali o catastrófico incêndio do Andraus. A equipe comandada pelo capitão, então sargento, Augusto Cassaniga, foi uma das primeiras a chegar no local. Se deparando com a situação do edifício todo tomado pelo fogo, os comandantes daquela missão notaram que a melhor alternativa para resgatar as vítimas não era entrar no interior do prédio como previamente haviam estipulado, e sim, com o auxílio de uma aeronave, sobrevoar o prédio e efetuar o resgate aéreo das vítimas que foram até o terraço.

Como de praxe, o COE atuou ao lado das demais unidades da PM, auxiliando-as no que fosse necessário. Junto à equipe do sargento Cassaniga, homens do Corpo de Bombeiros se prontificaram a atuar no salvamento em altura, o primeiro desembarque no topo do prédio foi feito pelos sargentos Serafim e Tenente Duques Ferres, a outra parte da equipe se dirigiu a sede da empresa de pneus Pirelli, onde voluntariamente cederam o helicóptero da empresa para auxiliar no resgate, já que a Polícia Militar dispunha de apenas uma aeronave.

O helicóptero particular retornou para o Andraus transportando o Sargento Cassaniga e o Sargento Djalma para desembarcar e se unir aos outros quatro policiais que lá estavam. Imediatamente, em meio as chamas que tomavam o terraço do prédio, e cada vez mais aquecia a laje os policiais se viram obrigados a arrombar uma porta que estava trancada e assim liberar a passagem entre a escadaria e o terraço. Como havia uma grande aglomeração de pessoas na escadaria, essa medida foi

fundamental para o salvamento de muitas vidas naquela tarde.

Houve uma grande mobilização e com 11 helicópteros iniciaram a operação de resgate das vítimas. Os pilotos se organizavam em filas e na medida em que a lotação de uma aeronave fosse atingida, a próxima já aterrissava no heliponto e prosseguia com o salvamento, que durou por horas, terminando somente a noite. No término da operação, o saldo de 16 mortes só não foi maior graças ao trabalho conjunto entre o COE e os bombeiros, que impediram com o que mais pessoas saltassem do topo do prédio como uma alternativa desesperada de salvar sua vida.



Honrarias do capitão. Foto de acervo próprio: Augusto Cassaniga

CAPITULO TRÊS

Electra II: O avião sequestrado por um marinheiro

Como dito, o COE foi uma tropa idealizada para suprir as necessidades vistas na época de sua fundação, ou seja, as ações de guerrilhas urbanas e rurais, contudo, foi em 30 de maio de 1972 que o então Pelotão de Operações Especiais se mostrou capaz de operar em qualquer tipo de situação, com a mesma eficiência vista nas tropas estrangeiras, como o SAS, Navy SEALS, GIGN e GSG-9, que são conhecidas por ações de comandos.

Um nome seria o responsável pelo título que o COE carrega até hoje, Grenaldo José da Silva, um marinheiro exonerado participante do motim no Sindicato dos Metalúrgicos em 1964, sendo julgado dois anos depois e foragido desde sua condenação. Eis que o ex-marinheiro decide reaparecer, mas não só à justiça, como também a toda população e mídia, justamente em 30 de maio de 1972.

O voo RG-131 da Varig, feito por uma aeronave estadunidense Lockheed L-118A Electra II, comandado por César Caldeira e Alcir Rebelo, e ocupado por 79 passageiros, decolou às 15 horas do aeroporto de Congonhas em São Paulo com destino à Curitiba, teve sua trajetória desviada e seu planejamento de voo frustrado por Grenaldo, que cerca de 15 minutos após a decolagem anunciou o sequestro enquanto se postava entre a cabine e o corredor da aeronave, portando uma pistola Beretta.

Sua exigência para liberar os passageiros era de que o Electra retornasse ao ponto de origem, ou seja, o aeroporto de Congonhas, e lá se mantivesse em funcionamento enquanto o sequestrador e os tripulantes aguardassem o atendimento das demais solicitações de Grenaldo, se tratando de Cr\$ 1 milhão e 500 mil em notas usadas e 3 paraquedas. A princípio pensava-se que no interior da aeronave haviam 3 sequestradores,

visto a sua exigência de 3 paraquedas, houve também a suspeita de que bombas haviam sido plantadas no interior do avião.

Um dos momentos de mais apreensão nesta negociação se deu quando o departamento de negociação deixou as exigências na porta do avião e o sequestrador abriu pela primeira vez a porta do avião para recolher os paraquedas e o dinheiro. Mesmo com a oportunidade de intervir no sequestro, o pelotão de operações especiais nada pôde fazer quando a porta se abriu, pois a prioridade na missão era a preservação das vidas dos reféns, e até então não se tinha ciência do número exato de sequestradores que lá estavam.



Avião Electra II. Foto de acervo próprio: Augusto Cassaniga

A divisão de patrulhas nesta missão foi designada da seguinte maneira:

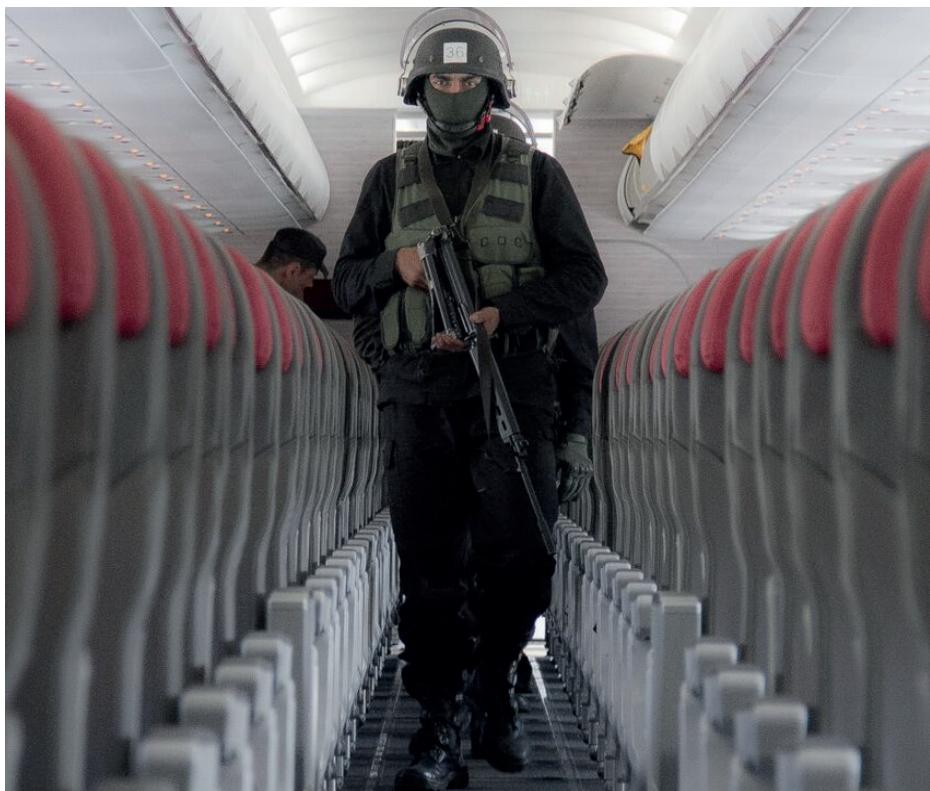
Uma primeira patrulha ficou com a missão de preservação dos reféns e a outra de interceptar o avião em caso de decolagem, pois a ordem era de que o avião não levantasse voo. Uma terceira patrulha sob o comando do capitão Pazelli, ficou responsável pela função de assalto, ou seja, se caso o comandante da aeronave solicitasse lastros para aumentar o peso e consequentemente levantar voo, esta equipe adentraria ao avião escondida em caixas de madeiras para realizar a tomada do avião.

Após um estudo sobre a planta do avião, o comandante da operação localizou um compartimento no bojo da aeronave onde após aberto, uma escada poderia ser alcançada e assim facilitaria a entrada de uma tropa do POE. Durante a intervenção da tropa, o sequestrador disparou contra a equipe por meio de uma fresta que se abriu, ferindo a mão de um soldado. Neste momento dois tripulantes que estavam na cabine da aeronave se isolaram e por uma escotilha escaparam de lá. Então a equipe foi informada que havia apenas um sequestrador, facilitando o plano de tomada do avião. Foi aí que a operação de assalto do avião foi iniciada, com muita cautela, pois ainda havia a ameaça de bomba no avião.

Como esse tipo de ação era incomum naquele tempo uma medida que nos dias de hoje é considerada imprópria foi tomada, a tropa lançou uma bomba de efeito moral dentro da aeronave com grande de uma enorme explosão, já que havia a ameaça de bomba no avião. Após uma intensa troca de tiros, a tropa conseguiu se aproximar do sequestrador, foi então que se depararam com o mesmo caído ao solo e san-

grando. Naquela época muito se questionou sobre a veracidade da ação, pois o suicídio do sequestrador era duvidoso.

As providências foram tomadas e o sequestrador foi socorrido. A equipe permaneceu no interior do avião, fazendo uma varredura em todo perímetro para sanar a dúvida de bomba no local. Terminada a varredura, os policiais recolheram o dinheiro, os paraquedas e a arma que foi utilizada por Grenaldo e entregaram para o Brigadeiro Délia Jardim de Matos na torre de comando geral da força aérea, finalizando a missão que condecorou o hoje chamado Comandos e Operações Especiais.



Treinamento de invasão tática em estruturas tubulares (avião).

Foto por: Patricia Bruni

Conforme mencionado acima, Grenaldo estava foragido da justiça, já que havia sido enquadrado pela lei de segurança nacional, o marinheiro que era maranhense, conseguiu embarcar para São Paulo graças à uma identidade falsa, sob o nome de Nelson Mesquita.

Curiosamente, semanas antes, alguns policiais do POE incluindo o Sargento Cassaniga, receberam 10 paraquedas da Brigada Paraquedista do Exército Brasileiro e foram designados a realizar o curso sob o comando de um capitão, chamado Nelson Mesquita. No início, a informação causou certo alarde, mas Cassaniga prontamente disse conhecer o real dono do nome e assim foi descoberta a farsa na identidade.

CAPITULO QUATRO

A busca por Itiro Mutai

Muito se falou sobre o sucesso obtido do atual COE na ocorrência do Electra II, que certamente serviu como um divisor de águas no âmbito policial e consolidou a tropa como a divisão de elite da Polícia Militar paulista, servindo, inclusive, como inspiração para outras tropas de Operações Especiais espalhadas pelo Brasil.

Mas nem tudo são flores, principalmente quando uma equipe é designada a operar apenas como último recurso, foi durante uma ocorrência assim que o COE passou por uma de suas maiores frustrações desde sua fundação, o desaparecimento de Itiro Mutai.

Um cidadão nipônico, aposentado, de 68 anos de idade, residente do bairro de Itaquera, zona leste da capital que desapareceu na serra do mar, onde foi realizada uma missão de resgate e salvamento do mesmo. As buscas se mantiveram durante 10 dias seguidos, onde a tropa vasculhou uma área de 100 quilômetros em busca do desaparecido, que possuía experiência em ambientes montanhosos e de matas, pois também era alpinista. Após os 10 dias de buscas, o comandante da operação capitão Albino Carlos Pazelli instruiu a tropa a retornar para a base, já que a unidade de 40 homens do COE estava exausta, se alimentando apenas de frutas, plantas e animais, inclusive cobras.

Naquela época, havia um boato que Itiro Mutai havia fugido para o porto de Santos para sair do país com destino ao Japão, fato jamais confirmado, pois não há registros de sua saída. Anos se passaram e a justiça decretou morte presumida da vítima, e essa foi uma das poucas missões do COE em que não houve um final.

Recentemente outra ocorrência semelhante com o desaparecimento de Itiro ganhou espaço na mídia envolvendo também o COE. O Francês Eric Welterlin, morador da cidade de

Itajubá no estado de MG.

Acostumado a disputar corridas em montanhas, Eric saiu de casa para realizar um treino no pico dos Marins entre as divisas do estado de São Paulo e Minas Gerais, região famosa pelas trilhas e escaladas. Ele deixou o carro na subida da montanha e partiu a pé com equipamentos mínimos de sobrevivência (uma jaqueta impermeável, um cobertor de emergência e um capacete com lanterna).

Em operação conjunta com a polícia militar de Minas Gerais, o corpo de bombeiros, juntamente com policiais do COE, começaram as buscas por ele na mata. O início da operação de resgate se deu no dia 19 de abril de 2018, três dias após o seu desaparecimento na mata.



Treinamento descida de rapel com apoio do águia. Foto por: Patricia Bruni

Amparado pelos treinamentos em matas e também de alpinismo, o COE teve papel importante nesta missão, contudo com muito esforço e sempre com a esperança de êxito todos os envolvidos no resgate mantiveram as buscas durante 19 dias, onde infelizmente o corpo do francês foi encontrado em estado de decomposição, peritos que estavam no local informaram que a princípio a causa da morte de Eric foi hipotermia.

Diversas equipes do COE foram mobilizadas para a operação na divisa com Minas Gerais, a PM local ofereceu apoio por meio de sua aeronave, o helicóptero Pégasus. As buscas a pé ficaram sob encargo do COE, até que um morador da região informou às equipes de busca sobre a localização do corpo, o forte cheiro da carne putrefata alertou o residente. Sua remoção foi feita pelo helicóptero Águia, da PMESP.

CAPITULO CINCO

O desastre do Edifício Joelma

Em primeiro de fevereiro de 1974, aconteceria o episódio mais triste da carreira de Cassaniga e também um dos mais impactantes na história não só da PM, mas de toda a sociedade paulista. O relato do sargento Cassaniga que estava de folga no dia, mas que residia no quartel é bastante emocionante, pois no momento em que soube do incêndio, prontamente se fardou e tão breve se deslocou ao local da ocorrência.

No todo, um cabo, um soldado e outro sargento se juntaram ao Cassaniga e foram os primeiros policiais do COE a chegar no local do incêndio. A princípio, se esperava uma situação similar à que ocorrera no Edifício Andraus, mas, chegando ao local, constatou que era bem pior do que a primeira ocorrência. O fogo já aparecava-se muito mais intenso, somado à falta de um heliponto no topo do prédio, o que dificultaria ainda mais o resgate aéreo das vítimas.

Assim que a equipe se deslocou, nos entornos do edifício já haviam equipes de ROTA, sob o comando de um oficial, que até então pertencia ao mesmo batalhão que os homens do COE, ordenou que Cassaniga subisse até o prédio da Câmara Municipal e se apresentasse ao capitão Caldas, do Corpo de Bombeiros.

Caldas passou a situação da ocorrência e solicitou um voluntário a saltar de um helicóptero no topo do prédio, contudo, informou que não seria uma ação obrigatória, pois o risco à vida era iminente. O sargento Cassaniga prontamente ignorou o risco e se dispôs a salvar vidas e honrar o juramento feito no ingresso à Polícia Militar, se necessário, com o sacrifício da própria vida.

Na ocasião a Polícia Militar não possuía helicópteros em sua frota e foi solicitado para que empresas que possuíam aeronaves se dispusessem a emprestá-las para auxiliar no

salvamento das vítimas. Dentre uma das aeronaves, a qual Cassaniga embarcou, estava sob o comando de um oficial da reserva da Força Aérea Brasileira, o coronel Monteiro. Durante uma das tentativas, Monteiro passou com a aeronave muito distante do topo do prédio, impossibilitando que Cassaniga, que já estava postado sobre o esqui do helicóptero, saltasse.

Após algumas manobras, o sargento conseguiu pular no topo do prédio, contudo, acabou lesionando sua perna, pois a queda, ainda assim, foi relativamente alta, cerca de quatro metros do topo do prédio. A primeira impressão que teve era de desespero das pessoas que ali estavam, as labaredas que eram constantes, assustavam e forçavam as pessoas a correrem de uma ponta a outra no terraço do prédio. O que ocasionou diversas quedas devido ao tumulto.



A gritaria era intensa, a temperatura do solo escaldante, as quedas frequentes, Cassaniga se viu obrigado a aplicar a psicologia de grupo e controlar a multidão gritando mais alto que eles

— Estão a salvo agora! Eu estou aqui, pois não há mais perigo do prédio cair!

passando algumas breves orientações, as pessoas se sentaram no meio do terraço e as quedas cessaram.

Apesar do esforço, Cassaniga não podia fazer tudo o que gostaria por aquelas pessoas, afinal, ainda estava sozinho. Sua prioridade era retirar as pessoas que se esconderam sob as telhas numa tentativa desesperada de salvar suas próprias vidas. Devido ao aumento da temperatura, as telhas de amianto desabaram sobre as vítimas, cozinhando-as vivas. Foi então que um dos diretores do Crefsul, Adolfo Silento Neto, um oficial da reserva do exército formado pelo CPOR se dispôs a ajudar.

Os dois retiravam os feridos um a um, até que o sargento resgatou uma mulher que aparentava suplicar pela própria vida, algo como “não me deixe morrer”, Cassaniga deitou-a sobre o solo, fez massagem cardíaca e respiração boca a boca, logo em seguida, a mulher vomitou um líquido fervente, eram seus órgãos que estavam em processo de liquefação devido à alta temperatura. A vítima morreu nos braços do sargento, o que de acordo com ele, foi um golpe difícil de ser assimilado. Fechou os olhos da moça e continuou o salvamento.

Cassaniga preocupou-se com a demora que o helicóptero apresentava para retornar ao prédio, pois, necessitava de ajuda. A situação de morte era iminente, o risco do prédio desabar era cada vez maior, pois o fogo poderia atingir o madeiramento do prédio, além do ar rarefeito devido à fumaça, mesmo assim,

Cassaniga manteve a calma, para consequentemente manter as vítimas em segurança. No prédio vizinho, o Edifício San Patrício, Cassaniga avistou a sua equipe, com homens do COE e do Corpo de Bombeiros, como naquela época a PM ainda não contava com comunicação via rádio, a comunicação foi realizada por meio de gestos entre os dois edifícios, a chamada sinalização tática de mãos, muito usada no meio militar.

O sargento informou à sua equipe que havia se lesionado na queda, apontando negativamente ao seu pé. Como resposta, os homens que estavam no outro prédio, informaram que uma corda seria passada de um prédio a outro, possibilitando assim o acesso dos demais policiais no Joelma. Com o auxílio de uma aeronave, um sargento do COE chamado Freitas, foi o responsável por levar uma ponta da corda para cada extremidade das edificações, após esta pequena operação, o sargento Cassaniga realizou a amarração da corda no terraço e sua equipe no Edifício San Patrício, respectivamente.



Foi aí que se iniciou o salvamento de fato, com a entrada dos demais policiais no Joelma. O primeiro a atravessar foi o tenente Lísias, um jovem oficial, recém-formado na Academia do Barro Branco e integrante do COE. Em uma atitude heroica, Lísias amarrou uma corda a sua cintura e prendeu a mesma na corda que ligava um prédio ao outro, e então atravessou sobre uma altura de 105 metros, dando origem a uma das imagens mais chocantes e emblemáticas desse triste episódio.

A chuva que caia na capital paulista foi uma forte aliada no combate ao incêndio, com ela, surgiu um outro helicóptero que partiu de Santos, a bordo dele estavam o tenente Nakaharada, os cabos Juvenal e Sid e um médico civil chamado Vanderlei. Esta aeronave disponibilizada pela FAB, possuía uma maior autonomia de voo, além de sua resistência ser maior, podendo pairar por mais tempo sobre a alta temperatura, se tratava de um Bell UH-1 Iriquois, popularmente conhecido como “Huey”, este modelo de aeronave teve papel fundamental na Guerra do Vietnã e no salvamento das vítimas do Joelma.

Ao que parecia, a situação finalmente seria normalizada, pois esperava-se que as pessoas que estivessem em melhor integridade física auxiliassem no resgate dos mais debilitados, contudo, não foi o que ocorreu, Cassaniga relata que aqueles que estavam em melhores condições embarcaram no helicóptero no exato momento em que este pousou. O resgate continuou até que todas as vítimas foram retiradas do lá e num último esforço do sargento Cassaniga em resgatar os corpos, o mesmo relata que sentiu um mal-estar, desmaiando em seguida e não tendo acompanhado o seu próprio resgate.

Após sua recuperação no hospital, Cassaniga que já ha-

via sido promovido por ato de bravura no episódio do edifício Andraus, seria agora novamente agraciado com tal promoção, passando do posto de 1º Sgt. para Sub-tenente, e com 33 anos seria o policial mais jovem a ocupar este posto na instituição.



CAPITULO SEIS

Modernização e ajustes às demandas atuais

Nestes 48 anos de existência do COE até a publicação deste livro, muito se modernizou, desde o batalhão, onde sua estrutura era mínima, até no equipamento em que o policial tem a sua disposição para realizar suas missões, sem contar também com a atualização nos cursos ministrados pelo COE.

Se tratando da sede da unidade, o que antes era um “barra-cão” hoje se tornou um belo prédio de dois andares com uma ótima estrutura para seus policiais e também para a população que deseja visitar a unidade, o complexo localizado no bairro do Mandaqui, precisamente na rua Sargento Advíncola conta com uma grande área de mata, dentro da invernada da Polícia Militar, onde também estão localizados o Canil, o Hospital da Policia Militar, a Academia de Polícia Militar do Barro Branco, onde se formam os oficiais, além do Presídio Militar Romão Gomes.



A área do batalhão é bastante usada para treinamentos de diversas unidades de polícia do Brasil e de até forças armadas do país, é muito comum ver forças do GRPae (Grupamento de Radio Patrulha Aérea), Infantaria da FAB (Força Aérea Brasileira), demais unidades do policiamento de choque e várias equipes das demais PMs do Brasil buscando aperfeiçoamento.

Em relação aos equipamentos, os antigos revólveres Taurus, calibre 38 Spl deram lugar às pistolas 24/7 da mesma fabricante em calibre .40 S&W. E a modernização ainda continua, um lote de pistolas austríacas da marca Glock, modelo G22 também em calibre .40 S&W equiparão todas as unidades do batalhão de choque da Policia Militar, o que inclui o COE. As metralhadoras Beretta M12 foram substituídas pelos fuzis Imbel Ia-2 em calibre 5.56 x 45mm (padrão OTAN), somando-se com os já empregados Colt M16 e Imbel FAL, em calibres 5.56 e 7.62 respectivamente. Além dos rifles de precisão, que passaram do Imbel mosquetão para o seu sucessor AGLC, e mais recentemente com a aquisição dos modernos AR-10 americanos.

Além dos equipamentos letais, o COE dispõe também de bombas de efeito moral, utilizadas pelas tropas de policiamento de choque nos chamados controles de distúrbios civis, sua finalidade é a dispersão de multidões. Granadas de gás lacrimogênio e flashbangs, as chamadas luz e som, para atordoamento e incursões em ambientes fechados, capacetes equipados com óculos e óculos night vision, para incursões em ambientes com pouca ou nenhuma luz.

Se tratando de missões que envolvam salvamentos, a unidade dispõe de um equipamento completo de alpinismo, com diversos tipos de cordas e fitas, barracas infláveis,

que são utilizadas como base da tropa nos casos de acampamento na selva, MRE, que são as rações operacionais cedidas pelas forças armadas, além do equipamento completo e pessoal especializado em salvamentos, busca e confrontos na água, barcos, roupas de mergulho, cilindros de oxigênio e claro, o árduo treinamento físico, fazem do COE a principal tropa em ambientes aquáticos da Polícia Militar paulista.

Como o COE é uma tropa de elite, sua constante atualização é fundamental para a segurança pública. Assim como ocorre nas principais tropas de comandos existentes pelo mundo, o COE também se viu na necessidade de se adequar às novas demandas nesta área. O que antes tinha como realidade as incursões em matas e ações de guerrilha, hoje passou para ambientes confinados e terrorismo.

Com a Copa do Mundo de 2014, o COE sofreu uma série de melhorias, visando atuar em uma lacuna que possa vir a existir nos setores que são geridos pela defesa e pela segurança pública. Como grandes eventos acarretam numa grande aglomeração de diversas pessoas e etnias, o COE se viu na necessidade de estar preparado para qualquer tipo de situação, mesmo que fosse alguma ameaça inédita em solo brasileiro, como por exemplo a ação de grupos extremistas.

CAPITULO SETE

O COE e a sociedade

Em tese, pode-se dizer que todas as atividades que as demais unidades policiais exercem, o COE está apto a fazer, mas apenas o COE está apto a fazer aquilo que faz. Confuso? Talvez, mas com uma simples explicação as informações ficarão mais claras. Por exemplo: Fica sob encargo do policiamento de área, das equipes de ROCAM (Rondas Ostensivas com Apoio de Motocicletas), dos BAEPs (Batalhão de Ações Especiais de Polícia) e em natureza especial da ROTA (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar), o policiamento preventivo e o patrulhamento. Por estas, feito com o auxílio de viaturas, no caso do COE, feita com patrulhas de três a cinco homens a pé, nas recentes operações vistas na favela de Heliópolis como forma de coibir o tráfico de entorpecentes.



Ação real de patrulhamento em local de alto risco. Foto por: Patricia Bruni

E pasmem, o fator intimidação causado por três caveiras a pé foi muito maior que uma viatura de ROTA (que, diga-se de passagem, é sim uma das unidades mais temidas pelos meliantes) composta por quatro ou cinco ocupantes causou em operações passadas no mesmo local. A área de ausência de ações criminosas se expandiu por um raio ainda maior, onde está o COE, não está o crime.

O policiamento ambiental possui treinamento adequado para lidar com animais silvestres, efetuar perseguições em matas, localizar pessoas, manutenção e preservação do meio ambiente e tudo o que envolver as áreas rurais do estado. O COE surge quando a situação foge do controle.

O GATE é uma das tropas mais bem treinadas da PMESP, seu curso, o ATESP (Ações Táticas Especiais), é um dos mais concorridos, desgastantes e rígidos, tendo duração de 30 dias. Cabe a esta unidade, também pertencente ao 4º Batalhão de Polícia de Choque, majoritariamente atividades como desarmamento de bombas e resgates de reféns, contendo suas equipes de franco-atiradores para tal finalidade, contudo, o GATE pode atuar em áreas urbanas, já o COE está apto a também exercer todas essas funções com a possibilidade de atuar em áreas rurais, sua especialidade.

Nos resgates que necessitam de equipes de mergulhadores, cabe ao Corpo de Bombeiros, por meio de sua equipe especializada neste tipo de situação, dispor de buscas nas profundezas dos rios, alagados, represas e mares paulistas, mas até uma certa profundidade. Os mergulhadores capazes de irem além disso são os do COE.

Como se não fosse o bastante, além de todas as funções

mencionadas, o COE pode, também, exercer o trabalho comumente visto no que chamamos de polícia repressiva, que trabalha com o pós-delito, apurando informações recebidas pelo Disque Denúncia e colocando em prática os planos conjuntos com o setor de inteligência da Polícia Militar.

Após as menções feitas acima, pode-se fazer parecer que o COE está acima de todas as demais unidades citadas, o que não é verdade, já que todas as unidades são extremamente importantes para a instituição e para o cidadão, cada uma dentro de sua finalidade, mas o Comandos e Operações Especiais, devido ao seu árduo treinamento e equipamento diferenciado, adquiriu uma autonomia que permite auxiliar as demais unidades naquilo que for necessário.

E não pensem que um caveira se julga superior ou trata com desdém os demais policiais e a população, muito pelo contrário, o COE mostra que suas operações especiais vão além da prevenção e resolução de crimes e resgates, mas se estendendo ao tratamento que oferecem àqueles que estiverem dispostos à conhecê-los. Sempre muito empáticos e dispostos a ajudar, os caveiras fazem questão de oferecer um tratamento diferenciado a qualquer um que adentrar à sua grande e verde sede. Se desconfiam disso, experimentem ir até lá, as visitas são realizadas aos sábados mediante agendamento prévio. A unidade é um prato cheio para as crianças, que adoram conhecer os mascotes do COE, há diversos animais da fauna brasileira, que variam de aves à serpentes, a grande atração é a cobra píton, todos os animais são cuidados pelos policiais. Aos adultos, o local é bonito e repleto de história, além do café ser delicioso.

O 420º Grupo Escoteiro São João Batista de Ybipiá esteve

em junho de 2017 no COE. Grupos de escoteiros e escolas frequentemente enviam seus alunos para conhecerem o batalhão e receberem instruções, que vão desde métodos de resgate, uso de bússolas, equipamentos de rapel e tirolesa e conhecimentos gerais que envolvam os ambientes de mata, sem antes, é claro, de ensinar às crianças um pouco de civismo ao alinhá-las frente à bandeira nacional para cantar o hino.



Pati Bruni © NAVI Militar

Policiais do COE alinhados para entoar o hino nacional durante celebração dos 48 anos da unidade. Foto por: Patricia Bruni

CAPITULO OITO

Comando atual

Atualmente o Comandos e Operações Especiais está sob o comando do major PM Gentil Epaminondas de Carvalho Júnior, o major Carvalho. O comandante com vasta experiência no policiamento urbano assumiu o comando do COE substituindo o também major Iron Sérgio Ferreira da Silva, que passou a ser subcomandante do Comando de Policiamento de Choque, localizado na rua Jorge Miranda, próximo à estação Tiradentes do metrô.

Sob o comando de Carvalho, o COE passou a ter grande repercussão na mídia, onde suas ações são frequentemente televisionadas e mencionadas nas mais diversas reportagens da internet. A tropa que até então era conhecida apenas pelos mais atentos, hoje é facilmente reconhecida nas ruas, graças ao trabalho de integração social que vem ocorrendo gradualmente.

Além das frequentes e importantes missões sob a gestão de Carvalho, o COE sofreu diversas melhorias em sua sede, tais como a pintura camuflada nas caixas de escada do prédio, substituindo a antiga cor laranja, a identificação da unidade com fontes stencil (padrão militar), formando as palavras COE acima e logo abaixo Comandos e Operações Especiais, sobre toda a extensão do prédio, além dos enormes brasões de operações especiais e da companhia, dispostos em cada uma das caixas de escadas.

E não para por aí, diversas outras melhorias estão por vir, sempre visando o conforto dos visitantes que quiserem conhecer a unidade. Muitas delas visam sanar as dúvidas que surgiram no que diz respeito à história do COE, além de garantir cada vez mais uma aproximação entre Polícia Militar e sociedade.

Na atual gestão, o COE realizou missões de combate ao tráfico e ao crime organizado pelos quatro cantos de São Paulo, tanto em operações que envolvessem apenas o COE, como também em ações conjuntas com outras unidades da PM.

Dentre elas, podemos mencionar as frequentes incursões nas favelas, junto do Canil e dos alunos do curso de Conduta de Patrulhamento em Local de Alto Risco. A megaoperação em Heliópolis foi uma das ações com maior repercussão, inclusive tendo a aprovação dos residentes do bairro, visto que nas horas em que o COE esteve no local, nenhum tipo de crime foi cometido. Não só isso, muitas apreensões foram feitas graças ao fator surpresa do COE, diversos criminosos em tentativa desesperada de evadirem-se do local deixavam os postos de vendas de drogas para trás. Com o auxílio dos cães farejadores o desfecho da missão só poderia ser um: o sucesso.



Ação real de patrulhamento em local de alto risco em conjunto com homens do Canil. Foto por: Patricia Bruni

Além da zona sul, bairros da zona norte também contaram com a presença da tropa verde, foi o caso da operação realizada no bairro Jd. Antártica, onde o COE desta vez contou com o apoio aéreo, o GRPAe. O resultado não poderia ter sido outro, grande quantidade de entorpecentes apreendida, ao todo foram 730 porções de maconha, 21 pinos de cocaína e dinheiro, além do verdadeiro momento de terror que àqueles que vivem à margem da sociedade e da legalidade sofrem ao ver os Comandos.

No litoral também não foi diferente, houve resgates de desaparecidos na região da serra-do-mar e ações na comunidade Vila dos Pescadores em Cubatão. Nesta segunda, o COE atuou em conjunto com equipes da PM local, onde os militares realizaram a operação de combate ao tráfico em duas etapas.

Na primeira parte da missão, os policiais dos batalhões de área adentraram à comunidade em uma ação de choque, ou seja, de forma ostensiva, visando a dispersão das pessoas que estavam nos locais onde ocorre o comércio de entorpecentes. Tudo ocorreu conforme o esperado.

Logo após a conclusão da primeira etapa, as equipes policiais recuaram e deram espaço para que o tráfico voltasse a ser realizado, para que então a segunda parte da operação, desta vez com o protagonismo do COE, pudesse ser realizada.

Após a pausa, os traficantes ordenaram que as pessoas voltassem a transitar pelas ruas da comunidade, com a aglomeração ocorrendo novamente, o COE adentraria ao local de maneira furtiva, utilizando do fator surpresa para encravar os marginais. Tudo isso já havia sido planejado por uma equipe de três policiais que ficou destacada do restante da tropa e mais

próxima ao foco da missão.

Contudo, foi neste momento que a situação tomou rumos diferentes. Os traficantes voltaram às ruas, um deles portava uma submetralhadora calibre 9mm Parabellum, com dois tipos de mira, sendo uma holográfica e outra à laser, e um segundo traficante portava um fuzil Colt M4, em calibre 5,56mm (sim, o mesmo calibre utilizado pelo COE). A partir daí o foco da missão passou a ser a apreensão dos armamentos, já que o grau de periculosidade na ação aumentou de maneira significativa.

A situação que já se mostrava crítica devido ao pesado armamento que os meliantes portavam, passou a ter um desfecho ainda mais tenso, quando o traficante que portava o fuzil Colt caminhou na direção da patrulha de três homens do COE que haviam permanecido escondidos no interior da comunidade.



Viatura do COE, Mitsubishi L200 saindo da base.. Foto por: Patricia Bruni

Enquanto o apoio dos demais caveiras não chegava, o problema se agravava, pois os três policiais que lá estavam, já se viam encurrallados em meio ao forte armamento da bandidagem. Por sorte os traficantes não possuíam algo que os caveiras tinham de sobra, o preparo. Foi aí que cometaram o maior erro de suas vidas, abriram fogo à esmo quando pressentiram a presença dos policiais.

Mediante tal situação, onde o risco de vida era iminente não somente aos policiais do COE, como às demais pessoas que transitavam pelo local, a patrulha de caveiras, que diga-se de passagem, não procura os conflitos, se viu obrigada a reagir. Para o azar dos criminosos eles deram de encontro com os melhores naquilo que fazem. O resultado foi o óbvio, a sociedade foi presenteada com a tranquilidade em poder viver em um local com menos crimes, além das armas saírem da posse do crime organizado.

ENCERRAMENTO

Obviamente todos sabemos que ser aprovado em um concurso público não é uma tarefa fácil, exige muito foco, preparo e dedicação. Ser aprovado em um concurso para a Polícia Militar é mais difícil ainda, pois exige do candidato não somente domínio da parte intelectual, mas também um condicionamento físico acima da média, o bom cuidado com o corpo, visto o rigor proposto nos editais para a etapa dos exames médicos, e um preparo psicológico ímpar para se adequar ao perfil de policial militar.

Todo ano cerca de 50 candidatos disputam uma vaga para o ingresso no curso de formação de soldados, para oficiais, por meio de bacharelado na Academia de Polícia Militar do Barro Branco, o número passa dos 90 candidatos por vaga. A remuneração está longe de ser um atrativo, com vencimentos na casa dos 3 mil reais para ambos os cargos (soldado PM de 2^a classe e aluno-oficial). Muitos podem pensar “eu não ganho nem metade disso”, mas é aí que está o grande ponto, você estaria disposto a arriscar sua vida pelo dobro de seu salário?

Ser um policial militar é tido por muitos como um sacerdócio, então, tenham a certeza que os homens que envergam a farda cinza bandeirante têm muito orgulho em estar nos servindo, pois ali estão única e exclusivamente por amor à profissão e à sociedade paulista.

Agora imaginem o seguinte, todo o processo e burocracia mencionados acima para o ingresso na corporação multiplicados por dez, é o que um praça ou oficial deve se submeter para se tornar um caveira. Tão logo a resposta que parece óbvia surge: “mas o policial faz todo esse sacrifício pelo aumento salarial.” Afirmação completamente equivocada, afinal um

operador do COE receberá exatamente o mesmo soldo de seus pares hierárquicos em qualquer setor da instituição.

Mas então o que leva um PM a concluir o COEsp? Por que muitos pais de família, filhos, educadores físicos, advogados, médicos e tantos outros alter-egos destes homens se submetem a tamanho desgaste físico e emocional? A resposta é simples: glória!

Glória, amor, força, honra, superação, destemor, realização pessoal, sonho, resiliência, persistência, foco, fé... Chame como quiser, mas é isso que um brevê de caveira colado na manga de uma farda representa. Este símbolo deixa claro que ali há um profissional extremamente empenhado e determinado em ajudar, proteger e servir, de quebra, sendo o melhor nisso.

É fácil de perceber que para os caveiras a tropa é uma família e o COE é sua casa, tanto para os mais antigos, como para os recém-formados recrutas. Alguns inclusive residem lá, são os chamados laranjeiras (pessoas do interior que vivem nos alojamentos dos quartéis), e sem exceção alguma, o semblante de orgulho e realização é o mesmo no rosto de todos.

Nas muitas visitas realizadas ao COE, o cabo Víctor, experiente policial, com longa bagagem de exercício da profissão, nos mostra detalhadamente cada parte do extenso batalhão, sempre com bom humor e disposição de sobra. Nos explica o que já foi feito e o que ainda está por vir.

Lamentavelmente, o que deveria ser só motivo de orgulho para a população e para os policiais, não é recebido desta forma, muito por nossa culpa, a mídia, que vende uma imagem completamente negativa da Polícia Militar, o que acarreta em

uma população com aversão ao correto. O que isso gera? Ris- cos aos policiais.

Victor nos conta que sempre residiu em locais distantes de seu serviço, geralmente em bairros de alto padrão, como a região da Av. Paulista, contudo, por alguns motivos pessoais precisou se mudar para uma comunidade, relativamente próxima ao COE, também na zona norte da capital.

Por muitos anos o cabo se viu na necessidade de esconder sua real profissão, se identificando como pedreiro aos seus vizinhos, evitando assim possíveis represálias. Além de permanecer seguindo todo aquele já conhecido padrão, secagem de farda em locais escondidos, saída para o trabalho descaracterizado, segredo mantido com rigor no que deveria ser um motivo de orgulho, afinal nos EUA, policiais são vistos como heróis, podendo, inclusive, levar a viatura para suas residências.

Tudo bem que a profissão de policial militar é uma escolha de cada um que lá está, mas jamais podemos nos esquecer de que ali está um dos pilares da sociedade, assim como os médicos e os professores também são. Nenhum Estado funciona sem segurança pública, saúde ou educação.

Ainda assim, um caveira, como todo policial militar, fez um juramento, o que mostra que a palavra medo não faz parte do vocabulário destes homens, como afirmado pelo próprio Carlos Augusto Cassaniga, hoje capitão da reserva: “Um policial militar é policial militar vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. É a única profissão que mesmo após aposentado, você permanece exercendo-a. Se eu tivesse medo, não teria escolhido isso para mim, e mesmo hoje, se a sociedade paulista precisar, cumprirei com destemor o meu juramento:

com o sacrifício da própria vida!"



Patr. Bruni © NAVF-Militar.

Alunos do COEsp em deslocamento. Foto por: Patricia Bruni

Canção dos Comandos

Saindo de suas bases
Os Comandos já se vão.
Deixando pra trás
Mulheres e filhos chorando, se vão.
Sem se quer saber se irão voltar,
Se em algum lugar irão tombar,
A Pátria defender, irão.

Lealdade, valores, sacrifícios,
Deste lema audaz.
Esse grupo de homens bravos,
Que avançando, se vão.
Rompendo as noites, sem descansar,
Cruzando as montanhas,
Chegando até o mar,
Os Comandos já se vão, se vão!

Oh, oh, oh, oh,
Oh, oh, oh, oh, oh, oh,
Oh, oh, oh, oh,
Oh, oh, oh, oh, oh, oh,
Oh, oh, oh, oh,
Comandos já se vão, se vão!

